

## Gramsci e Croce: questões em confronto

Maria Teresa Arrigoni (UFSC)

"Una attività critica che fosse permanentemente negativa, fatta di stroncature, di dimostrazioni che si tratta di 'non poesia' e non di 'poesia', diventerebbe stucchevole e rivoltante: la 'scelta' sembrerebbe una caccia all'uomo, oppure potrebbe essere ritenuta 'casuale' e quindi irrilevante" Antonio Gramsci.

Proponho-me, ao longo deste estudo, refletir sobre parte do pensamento de Antonio Gramsci em torno da cultura e da literatura, procurando compreender em que medida o intelectual sardo propôs caminhos diferentes daqueles teorizados por Benedetto Croce, a figura de maior destaque no campo cultural italiano até a primeira metade do século.

Poderia iniciar as considerações em torno do tema proposto, tomando como ponto de partida a afirmação do próprio Gramsci, "io ero (nel febbraio del '17) tendenzialmente piuttosto crociano" (1), que poderia ser considerada uma declaração de caráter mais definitivo, quase uma resposta às possíveis perguntas que pudessem ser feitas a esse respeito. No entanto, generalizar este juízo emitido por Gramsci sobre si mesmo tenderia a provocar afirmações equívocas, distantes do contexto em que se encontrava inserida esta constatação.

Parece-me mais interessante considerar o fato de Gramsci ter-se envolvido na atmosfera cultural italiana quando a atuação crociana já se fazia sentir há mais de dez

anos. O próprio Gramsci nos esclarece a esse respeito, quando afirma:

"Mi pareva che tanto io come il Cosmo - seu professor de literatura - come molti altri intellettuali del tempo (si puo dire nei primi 15 anni del secolo) ci trovassimo in un terreno comune che era questo: partecipavamo in tutto o in parte al movimento di riforma morale e intellettuale promosso in Italia da Benedetto Croce" (2).

De um certo modo, é fácil compreender porque o jovem intelectual sardo tenha formado seu pensamento crítico, em um primeiro momento, assumindo algumas das atitudes já adotadas por Croce. Mas, da leitura dos textos gramscianos vemos que, embora as referências a Croce sejam inúmeras, somente em algumas delas podemos relevar a anuência de Gramsci com o pensamento do filósofo. Existem, em número muito maior, referências que nos permitem perceber o gradual distanciamento de Gramsci do pensamento crociano, fato que o leva a assumir, cada vez mais, posições próprias.

Parece-me, pois, acertada a colocação de Eugenio Garin, quando afirma que "il crocianesimo di Gramsci - a parte una prima simpatia iniziale - consiste nello avere combattuto sistematicamente Croce, considerandolo la voce piu importante (e piu pericolosa) della vita italiana"(3).

O porquê da afirmação entre parênteses pode ser facilmente compreendido se pensarmos no perigo que representava, do ponto de vista cultural e filosófico (para não dizer político e social) a existência de uma personalidade tão centralizadora, e até então incontestada, como a de Croce. Além disso, Gramsci não deixou de avaliar o posicionamento de Croce em favor das eventuais "piogge di pugno, in certi casi utilmente e opportunamente somministrate", ou então, a sua condescendência ao considerar uma possível "funzione positiva del fascismo (...) per la restaurazione di un piu severo regime liberale nel quadro di uno Stato forte"(4).

A atitude de Gramsci diante do pensamento de Croce não foi a de simples aceitação, mas de posicionamento em favor da análise e da reavaliação, mostrando assim à intelectualidade italiana que é sempre possível, além de necessário, criar modos próprios de elaboração para as teorias, (e para as práticas), em todos os campos do saber.

Não seria correto, porém, afirmar que inexistem demonstrações do respeito que o intelectual sardo votava a Croce. Um exemplo concreto do que acabamos de afirmar, pode ser visto na escolha dos textos do jornal *Città Futura*, editado por Gramsci em 1917. Nesse jornal, que saiu em número único, ao lado de um texto de Salvemini (conhecido democrata meridionalista), Gramsci divulga um texto de Croce, referindo-se ao filósofo como "il piu grande pensatore d'Europa in questo momento"(5). Em outra ocasião, já no cárcere, fez a seguinte colocação a um companheiro:

"Io ho per Croce quel rispetto che si deve agli uomini di alto pensiero; Croce e uno studioso serio; nella sua

critica storica ci dà prova della robustezza del suo pensiero e di profonda cultura. Come filosofo ha raggiunto la massima altezza del pensiero italiano, come politico e l'ultima espressione della dottrina liberale in difesa di una società che ormai volge al tramonto" (6).

Podemos verificar que estão presentes nas palavras de Gramsci a valorização e o reconhecimento do pensamento de Croce, mas sem estar de forma alguma desvinculados da constatação gramsciana de que o filósofo atuava em nome "di un mondo borghese che egli voleva sano, responsabile, libero, costruttivo,..." e que na realidade "era minato al suo interno da terribili contraddizioni" (7).

Em outras palavras, Croce considerava possível um retorno à solidez burguesa alcançada no século anterior, Gramsci, no entanto, partia de uma visão diferente: a de que aquela realidade ansiada por Croce não queria considerar as grandes mudanças ocorridas na sociedade, como a existência de um contingente proletário significativo. Gramsci atuava, pois, em nome de um mundo em que essas forças, ricas de fermentos renovadores, não deveriam permanecer subalternas.

Sob esta perspectiva, portanto, ambos não poderiam situar-se em planos convergentes. O mesmo pode ser dito a respeito dos diferentes pesos atribuídos ao materialismo histórico, que para Croce não passava de "uno strumento per capire meglio la storia" (8). E ao lado desta redução do materialismo histórico a mero instrumento, Croce desenvolveu, como historiador, um trabalho que resultou em abordagens do tipo histórico-pessoal, seja quando se refere à Itália, seja quando se propõe a tratar de temas de âmbito europeu. Tal tipo de abordagem foi colocada em discussão por Gramsci, que se opunha à intervenção revisionista de Croce em relação à história.

Cabe aqui um parênteses para uma reflexão em torno dessas comparações que estão sendo tecidas. Sempre que estivermos confrontando o pensamento de Croce ao de Gramsci não podemos nos esquecer de que Croce nunca sofreu repressões diretas por parte do regime fascista e continuou a publicar suas obras e seus artigos que, na medida do possível carcerário, eram lidas por Gramsci. Croce, porém, não pôde ter acesso aos escritos de Gramsci no momento em que foram elaborados. Não houve, portanto, a possibilidade de um contato direto entre ambos. No pós-guerra, quando as anotações dos quaderni começaram a ser divulgadas e estudadas, Croce teria afirmado que eram somente "un insieme di pensieri abbozzati o tentati, di interrogazioni a sé stesso, di congetture e sospetti spesso infondati", onde não estava presente "quel pensiero sintetico che scevera, fonde, integra in un tutto" (9).

Dito isto, surgem, no campo da literatura, algumas questões que podem ser confrontadas e sobre as quais é possível refletir. Croce, de acordo com suas concepções em torno da obra literária, no âmbito mais geral da obra artística, não considerava possível a existência de uma história literária porque, a seu ver, cada poeta ou

escritor que consegue produzir poesia, torna-se um caso único, não podendo, portanto, ser parte de uma história.

No entender de Gramsci, pelo contrário, não é possível a existência de "una critica che non sia un frammento o un capitolo di una organica storia letteraria" (10). Isto porque, como bem observa Giuseppe Petronio em seu ensaio, apesar de os escritos de Gramsci serem bastantes dispersos, no sentido de não se apresentarem como um todo orgânico, encontramos em suas notas sobre escritores ou obras literárias um caráter "sempre 'storico' e il giudizio non è mai di gusto, ma scaturisce dal collocare lo scrittore o l'opera in un sistema di rapporti, e tende sempre a delineare, sia pure per rapidi cenni, il 'panorama ideologico'" (11).

Não pretendo, porém, negar a validade de muitas das colocações crocianas, especialmente no que se refere à existência do momento intuitivo, na arte como na poesia. Parece-me, no entanto, que Croce, ou mais propriamente, alguns dos discípulos de Croce, tenderam a extrapolar deste conceito para uma generalização mais ou menos ampla, inclusive no que se refere à avaliação crítica da obra artística. Para o neo-idealista italiano, a arte "é 'intuizione pura', aliena da qualsiasi valore intellettuale o vocazione moraleggiante" e "l'intuizione e nel contempo espressione, linguaggio, e prende forma e connotati espressivi nello stesso momento in cui si verifica: solo così esiste" (12).

Gramsci, a partir desta formulação crociana, estabelece uma concepção própria, levando em consideração um elemento que afasta a idéia de intuição, ou, melhor dizendo, de 'intuizione pura', introduzindo o conceito da visão do mundo presente em toda a obra de arte. Parece-me oportuno citar um trecho de Stipevic:

"Anche per Gramsci il contenuto non può essere immaginato astrattamente, sciolto dalla forma; ma non si tratta più di un contenuto-espressione, bensì di un contenuto-visione del mondo, (...) Egli libera il rapporto tra forma e contenuto dalla formulazione speculativa di Croce e lo mette in relazione con la dinamica della storia (...) affermando: 'Ecco allora che contenuto e forma oltre che un significato estetico hanno anche un significato storico'" (13).

Nesta diferenciação reside, a meu ver, um ponto fundamental do pensamento gramsciano, que não anula completamente a idéia do elemento intuitivo, mas o une à idéia da visão do mundo. Parece-me ser possível afirmar que a concepção de Gramsci encontra-se oposta à de Croce no que diz respeito à idéia da intuição pura, como se esta pudesse existir di per se.

A partir de sua concepção do ato criativo, Croce pôde estabelecer a função do crítico, que seria a de distinguir no âmbito de uma obra literária, por exemplo, o que poderia ser considerado poesia daquilo que deveria ser considerado

não-poesia (ou estrutura). É famoso um ensaio crociano "La poesia di Dante", de 1921, em que ele percorre a Divina Commedia e separa os trechos em que, segundo ele, existe 'poesia', daqueles em que existe somente 'estrutura'.

Esse mesmo procedimento vai ser utilizado pelo pensador idealista em relação a uma série de obras de escritores consagrados, de Alfieri a Monti, de Schiller a Foscolo, de Manzoni a Carducci. Essas críticas em torno de obras literárias encontram-se condensadas no volume Poesia e non poesia, em que podemos encontrar trechos como estes:

"E coloro che dicono che l'Alfieri è poeta ormai morto, hanno l'occhio alla sua non poesia, e si lasciano sfuggire la sua poesia"(14).

"Ricerchiamo questi rivoletti di bontà umana de di sorridente bonarietà, che scorrono qua e là e rinfrescano i romanzi di Walter Scott. Tutto il resto è o mestiere o erudizione; ma in quelli e la sua modesta poesia"(15).

Ainda nesta mesma obra, em um trecho no qual se refere a Leopardi, Croce expõe seu pensamento crítico sobre o autor:

"Vero è che i momenti poetici di rado o non mai informano direttamente di sé i carmi del Leopardi, e quasi sempre, o sempre, trapassano nella didascalica e nell'oratoria o in quello stile secco e epigrafico a cui abbiamo già accennato"(16).

Nos escritos de Croce reunidos no volume Poesia e non poesia, certamente encontram-se muitos outros exemplos concretos que nos permitem captar suas idéias sobre a poesia e sua atitude como crítico literário.

Mas voltemos a Gramsci, e retomemos aquela conceituação de arte já mencionada, fazendo antes uma reflexão em torno do que significou a passagem de Gramsci pela teoria crociana, com a subsequente, mas não consequente, elaboração de uma teoria pessoal, baseada em sua própria bagagem de conhecimentos filosóficos, políticos e culturais. Transcrevo, a esse respeito, palavras de Giuseppe Petronio:

"L'arte, per Gramsci e forma, ma una forma condizionata dal suo contenuto, il quale contenuto è sempre storicamente determinato. Perciò Gramsci, in antitesi netta con Croce, mentre sottolinea sì la necessità di non confondere il giudizio storico (che è un giudizio di contenuti) con il giudizio estetico (che è un giudizio di forme), già arricchisce questa distinzione di spunti che sono tipicamente marxistici: un momento dato non è mai omogeneo; ogni momento storico può essere rappresentato ed espresso e da chi lo rappresenta nei suoi aspetti progressivi e da chi ne esprime gli elementi reazionari e anacronistici"(17).

Com esta citação, que retoma pensamentos de Gramsci, nos reinserimos no universo das reflexões reunidas em *Letteratura e Vita Nazionale*. Lá encontramos a terceira possibilidade apontada por Gramsci, ou seja, de que ao lado das duas citadas acima, possa existir uma outra em que o momento histórico possa ter expressão representativa por parte de quem "esprimerà tutte le forze e gli elementi in contrasto e in lotte, cioè, chi rappresenta la contraddizione dell'insieme storico-sociale" (18).

Seria viável, pois, afirmar que as atitudes de Gramsci e de Croce encontram-se em planos opostos. Isto porque, percorrendo o volume *Poesia e non poesia*, podemos perceber que Croce, praticamente, considera momentos de 'poesia' aqueles em que o poeta e o mundo estão em unísono (19); enquanto que para Gramsci o poeta estará em unísono com o mundo e o representará poeticamente na sua totalidade somente se estiver ensimesmado nesta totalidade, que contém toda a problemática e a conflitualidade do momento histórico vivido. Vejamos as colocações gramscianas sobre Leopardi, em duas de suas cartas:

"...l'armonia delle parti e la completa fusione tra la forma espressiva e la concezione che sono proprie del Leopardi" (20).

"Nel Leopardi si trova, in forma estremamente drammatica, la crisi di transizione verso l'uomo moderno; l'abbandono critico delle vecchie concezioni trascendentali senza che ancora si sia trovato un ubi consistam morale e intellettuale nuovo..." (21).

E possível detectar a novidade do posicionamento gramsciano, que se faz ainda mais incisiva neste outro trecho no qual ele certamente se opõe ao 'papa laico' (22):

"La letteratura non genera letteratura ecc., cioè le ideologie non creano ideologie, le superstrutture non generano superstrutture altro che come eredità di inerzia e di passività: esse sono generate non per 'partenogenesi', ma per l'intervento dell'elemento 'maschile', la storia, l'attività rivoluzionaria che crea il 'nuovo uomo', cioè, nuovi rapporti sociali" (23).

E a este quero acrescentar outro que o complementa, pois além de esclarecer o que foi dito acima, pode explicar o significado da crítica literária para Gramsci:

"...in essa /la critica letteraria/ devono fondersi la lotta per una nuova cultura, cioè per un nuovo umanesimo, la critica del costume, dei sentimenti e delle concezioni del mondo con la critica estetica o puramente artistica nel fervore appassionato, sia pure nella forma del sarcasmo" (24).

Gramsci propõe como tarefa da crítica literária algo que não se resume a relações de tipo positivista de causa-efeito, ou que partam somente dos pressupostos sociais e políticos, como certamente alguns críticos insistem em fazer, mas sugere uma crítica literária que possa ser "critica in cui, nello spirito e nella metodologia di un marxismo evolutosi coi tempi, siano sussunte e riassorbite le parti vitali della critica crociana; vitali, pero, veramente, solo se così riassorbite e sussunte"(25).

Mas, ainda em relação à crítica literária, poderiam ser colocadas objeções do tipo das que afirmam que o conteúdo da crítica deve ser desvinculado de qualquer ideologia. Era este também o posicionamento de Croce, como crítico e como filósofo, valendo-lhe sua atitude de conservador. Ele defendia a crítica literária autônoma e não empenhada e afirmava que desta forma "isolando il critico, come l'artista, in una torre d'avorio, essa puo servire la causa della conservazione culturale e politica"(26). E a propósito do mesmo assunto, vale reportar uma colocação de Giuseppe Petronio, a de que "negare la propria natura ideologica puo essere, in un determinato momento storico, la più comoda e utile delle ideologie!"(27).

A esta afirmação, que parece condensar uma das propostas mais sérias de Gramsci em termos de empenho cultural, seria importante acrescentar outra, em cujo conteúdo podemos reencontrar um dos pressupostos gramscianos de grande interesse para os estudiosos como um todo. Segundo Gramsci, no contexto de uma discussão científica em que se pressupõe seja a busca da verdade o interesse primeiro, se demonstrará mais avançado aquele que admitir, na teoria do adversário, a presença de um elemento que possa, em um primeiro tempo, ser incorporado à sua própria bagagem de conhecimentos. Somente desta forma torna-se possível uma pesquisa científica eficiente, pois, como explica Stipcevic:

"Comprendere e valutare realisticamente la posizione e le ragioni dell'avversario - e talvolta e avversario tutto il pensiero passato - significa appunto essersi liberato dalla prigione delle ideologie nel senso deteriore, cioè porsi da un punto di vista critico, l'unico fecondo nella ricerca scientifica"(28).

Para concluir, parece-me possível afirmar que Gramsci atuou de maneira profunda essa busca científica (mas nada acadêmica) no campo da literatura, da história, da cultura de modo geral, enquanto que Croce assumiu posições mais "pessoais" diante dos fenômenos que elegeu como matéria de estudo. Em muitos casos, Croce fez uma revisão do pensamento anterior a ele e nesta baseou sua conceituação; Gramsci, por sua vez, deixou intacto o pensamento que o antecedeu, adotou-o como material para suas reflexões críticas e, a partir de suas conclusões, elaborou os pensamentos originais que até hoje geram novas propostas de estudo.

## NOTAS

1. "eu tinha (em fevereiro de 1917) idéias de tendência bastante crociana". Antonio Gramsci, *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce*. Torino, Editori Riuniti, 1979, p.245.
2. "Acreditava que tanto eu quanto Cosmo, além de muitos outros intelectuais daquele tempo (pode-se dizer dos primeiros 15 anos do século) nos encontrássemos em um mesmo plano, que era o seguinte: participávamos total ou parcialmente do movimento de reforma moral e intelectual promovido na Itália por Benedetto Croce". Antonio Gramsci, *Lettere dal carcere*. Torino, Giulio Einaudi Editore, 1965, p.466.
3. "o fato de ser 'crociano' em Gramsci - após uma primeira simpatia inicial - consiste em ter combatido sistematicamente Croce, considerando-o a voz mais importante (e mais perigosa) da vida italiana". Eugenio Garin, apud Giuseppe Petronio, "Gramsci e la critica letteraria". In: *Studi gramsciani*. Roma, Editori Riuniti, 1958, p.227.
4. "surras, em certos casos útil e oportunamente aplicadas, ou então, ao considerar uma possível "função positiva do fascismo(...) para a restauração de um regime liberal mais severo no âmbito de um Estado forte". Eugenio Garin, "Antonio Gramsci nella cultura italiana". In: *La filosofia come sapere storico*. Bari, Laterza, 1959, p.157.
5. "o maior pensador da Europa neste momento". Idem, *ibid.*, p.159.
6. "eu tenho por Croce aquele respeito que devemos aos homens de pensamento elevado; Croce é um estudioso sério. Sua crítica histórica nos fornece provas da firmeza de seu pensamento e de sua profunda cultura. Como filósofo, chegou à altura máxima do pensamento italiano, como político, é a última expressão da doutrina liberal em defesa de uma sociedade que já começa a declinar. Idem, *Gramsci e la cultura contemporanea*. Roma, Editori Riuniti, 1969, p.22.
7. "um mundo burguês que ele /Croce/ desejava fosse saudável, responsável, livre, construtivo ... estava comprometido em seu interior por terríveis contradições". Carmelo Distante, *La poesia italiana dal futurismo all'ermetismo*. Boletim n.36, Curso Língua e Literatura Italiana n.4, São Paulo, 1981, p.8.
8. "um instrumento para se compreender melhor a história". Idem, *ibid.*, p.7.
9. "um conjunto de esboços ou tentativas de pensamentos, de interrogações feitas a si mesmo, de conjecturas e suspeitas muitas vezes sem fundamento", (...) "aquele pensamento sintético que faz as distinções, as aglutina, forma um todo.

Benedetto Croce apud Eugenio Garin, Gramsci nella cultura italiana, op.cit., p.163.

10. "crítica que não seja um fragmento ou um capítulo de uma história literária orgânica". Giuseppe Petronio, op. cit., p.231.

11. "sempre 'histórico', e o juízo nunca é de gosto, mas surge do fato de colocarmos o escritor ou a obra em um conjunto de relações, e tende sempre a traçar, mesmo com toques rápidos, o 'panorama ideológico'". Idem, ibid., p.232.

12. "é 'intuição pura', ou seja, distante de qualquer valor intelectual ou vocação moralizadora"; "a intuição é ao mesmo tempo expressão, linguagem, e toma forma e características expressivas no exato momento em que ocorre: só assim existe. Salvatore Guglielmino, Guida al Novecento. Milano, Principato Editore, 1971, p.80/I.

13. "Também para Gramsci o conteúdo não pode ser imaginado abstratamente, sem a forma; não se trata, porém, de um conteúdo-impressão, mas de um conteúdo-visão do mundo, (...) Ele libera a vinculação entre forma e conteúdo da formulação especulativa de Croce e a relaciona com a dinâmica da história (...) afirmando: conteúdo e forma, além de um significado estético, possuem também um significado histórico". Niksa Stipcevic, Gramsci e la cultura contemporanea, vol.I, p.279-80.

14. "e aqueles que afirmam que Alfieri é um poeta acabado, olham para sua não-poesia, e deixam de ver sua poesia". Benedetto Croce, Poesia e non poesia. Bari, Laterza, 1950, p.6.

15. "procuremos esses regatos de bondade humana e de alegre amabilidade que correm aqui e acolá e refrescamos romances de Walter Scott. O resto ou é ofício ou erudição, mas naqueles encontra-se sua modesta poesia. Idem, ibid., p.69.

16. "a verdade é que os momentos poéticos raramente ou jamais aparecem nos cantos de Leopardi, e quase sempre, ou sempre, caem na forma didascálica, na oratória, ou naquele estilo seco e epigráfico ao qual já nos referimos. Idem, ibid., p.111.

17. "a arte para Gramsci é forma, mas forma condicionada pelo seu conteúdo, que é sempre historicamente determinado. Portanto Gramsci, em nítida antítese em relação a Croce, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de não confundirmos o juízo histórico (que é um juízo de conteúdos) com o juízo estético (que é um juízo de formas), enriquece essa distinção de motivos que são tipicamente marxistas: um dado momento nunca é homogêneo; cada momento histórico pode ser representado e expresso seja por quem o representa em seus aspectos progressistas, seja por quem expressa seus

elementos reacionários e anacrônicos". Antonio Gramsci apud Giuseppe Petronio, op.cit., p.228-9.

18. "expressará todas as forças e os elementos em contraste e em luta, ou seja, quem representa a contradição do conjunto histórico-social". Giuseppe Petronio, op.cit., p.229. As palavras de Gramsci podem ser encontradas em forma de interrogação em *Letteratura e Vita Nazionale*, Torino, Editori Riuniti, 1979,p.5.

19. Ainda sobre Leopardi, Croce afirma: "Nesses momentos em que ele (...) se sentiu unido ao mundo, sua fantasia atuou poeticamente...". Benedetto Croce, op.cit., p.109-10.

20. "...a harmonia das partes é a completa fusão entre a forma expressiva e a concepção, que são próprias de Leopardi". Antonio Gramsci, *Lettere dal carcere*, p.129.

21. "em Leopardi encontramos, de forma extremamente dramática, a crise de transição do homem moderno; o abandono crítico das antigas concepções transcendentais sem que ainda tenhamos encontrado um ubi consistam moral e intelectual novo". Idem, *ibid.*, p.670.

22. Idem, *ibid.*, p.481.

23. " a literatura não gera literatura ...ou seja, as ideologias não criam ideologias, as superestruturas não geram superestruturas a não ser como herança de inércia e passividade: elas são geradas, não por 'partenogênese', mas pela intervenção do elemento 'masculino', a história, a atividade revolucionária que cria o 'novo homem', ou seja, novas relações sociais". A.Gramsci, *Letteratura e Vita Nazionale*, op.cit., p.10-11.

24. "nela /a crítica literária/ devem fundir-se a luta por uma nova cultura, um novo humanismo, e a crítica de época, dos sentimentos e das concepções do mundo, com a crítica estética ou puramente artística em seu fervor apaixonado, até mesmo na forma do sarcasmo".Idem, *ibid.*, p.6.

25. "crítica em que, no espírito e na metodologia de um marxismo que evoluiu através dos tempos, estejam 'sussunte'(em um silogismo, o termo médio se apresenta como sujeito da premissa maior e predicado da premissa menor) e absorvidas as partes vitais da crítica crociana; vitais, porém, somente se estiverem realmente absorvidas e 'sussunte'. Giuseppe Petronio, op.cit., p.231.

26. "autônoma, não empenhada" (...) "isolando-se o crítico, como o artista, em uma torre de marfim, ela /a crítica literária/ pode servir à causa da conservação cultural e política".Idem, *ibid.*, p.230.

27. "negar a própria natureza ideológica pode ser, em um determinado momento histórico, a mais útil e cômoda das ideologias!" Idem, *ibid.*, p.231.

28. "compreender e avaliar realisticamente a posição e as razões do adversário - e à vezes é adversário todo o pensamento precedente - significa, na verdade, ter-se libertado da prisão das ideologias no sentido inferior do termo, ou seja, colocar-se de um ponto de vista crítico, o único fecundo para a pesquisa científica". Niksa Stipcevic, *op.cit.*, p.280.